Identificação Pessoal

(Apontamentos)

(Conclusão)

CARLOS CUNHA

(Do Instituto Felix Pacheco)

21. TRANSPORTE DAS IMPRESSÕES PAPILARES: TÉCNICA USADA PARA O SEU APROVEITAMENTO E CONFRONTO PERICIAL

*T*ransporte de impressões papilares — As impressões papilares, suficientemente nítidas e decifráveis, encontradas em estado latente, podem, após reveladas, ser levantadas ou transferidas:

a) pelo "tape" (fita de celulose "Durex" Scotch ou similares); pela película SCHNEIDER (austriaca); de DAUNT (fórmula do professor LUIZ SILVA, Odonto-legista do Serviço de Identificação de São Paulo); pelo papel parafinado de DUBOIS (processo argentino, denominado *eidográfico*); pelo papel "glassê", seguido dos processos complementares recomendados por JOSÉ CANTINHO, de São Paulo; pelo papel fotográfico, placas, etc.

b) pela fotografia direta no local, principalmente de impressões visíveis;

c) pelo acondicionamento (embalagem) e transporte do material (suporte) para o laboratório.

Películas — Há, conforme ficou esclarecido acima, inúmeras espécies de películas adesivas: umas fabricadas à base de borracha ou de gelatina; outras, à base de celulose e ainda outras pelo parafinamento de papéis, sendo opacas umas e transparentes outras.

O papel parafinado de DUBOIS, por exemplo, é preparado com os seguintes elementos:

Cêra branca	50 grs.
Parafina	50 grs.
Glicerina	20 gotas

Segundo VIOTTI: "Dissolve-se a fogo suave e mergulham-se no conteúdo umas tiras de papel bom, liso e branco.

Feita a imersão, põem-se a secar as tiras de papel, que se conservam indefinidamente perfeitas entre as folhas de um livro qualquer.

Procure-se depois um fole de modelo vulgar, e enche-se-o até o meio com *carvão vegetal bastante pulverizado*, condição *sine qua* para o bom êxito da operação.

Isso feito, cobrir com muita prolixidade a figura digital que se encontrar no local com umas tênues projeções do pó pulverizado, fazendo acionar o fole. E' melhor que o pó antes seja escasso do que excessivo.

Aplica-se então uma das tiras de *papel registrador* sôbre a impressão digital e, com leve pressão, atuando sem resvalar sôbre a figura, obtem-se uma cópia perfeita do desenho, quer êle se encontre sôbre madeira lustrada, quer sôbre vidro, louça, cristal, ou o que fôr.

O operador verificará que a impressão se transplantou para o papel, quando, pela própria transparência dêste, forem visíveis todos os seus detalhes; então levanta cuidadosamente o papel, e acha-se de posse de uma reprodução finíssima e fiel do original encontrado".

Qualquer película, desde que seja pura, isto é, bem transparente e livre de granulosidade, pode ser usada na "transferência" de impressões papilares.

As películas preparadas à base de borracha ou gelatina, como as demais, funcionam por aderência, que se obtém por pressão.

Nos "transferidores" opacos, manipulados com borracha, há uma capa protetora, de celuloide, que o técnico deverá descolar antes de aplicá-los nas impressões, que, após "transferidas", serão protegidas pela reposição da aludida capa.

O "tape" comercial, comumente chamado de "fita gomada" ou "Durex", após retirada (levantada) a impressão do local (suporte), deve ser colado na lâmina de vidro, sem formar vesícula (bôlha).

Fotografia das imagens transferidas pelas películas — As películas opacas, aplicadas sôbre as impressões reveladas nos locais de crime, trazem, invertidas, as imagens papilares, cuja posição original se obtém, ajustando o papel fotográfico sôbre a parte desprovida de gelatina (no anti-halo) do negativo, isto (no caso de cópia por contato) ou pela ampliação, verificada, antes, a posição em que deverá ficar, no ampliador, a placa. Quanto às câmaras, qual-quer uma.

As películas adesivas, transparentes, não invertem a imagem papilar, permitindo fotografá-la por transparência, em sua correta posição.

Quanto ao acondicionamento dos objetos, recomenda o criminalista francês EDMOND LOCARD: "A primeira precaução a tomar, quando se quer utilizar os vestígios para descobrir o criminoso, é impedir, absolutamente, que qualquer pessoa toque ou mexa em qualquer coisa no local do crime, antes da chegada dos magistrados ou do perito. E' preciso não esquecer, que o menor contato do dedo deixa u'a marca, e que os queixosos ou vizinhos, assim, como, também, os agentes da fôrça pública, podem, tocando nos objetos, cobrir com as suas próprias impressões, as deixadas pelo criminoso. Há, porém, tôda a vantagem em assegurar, prèviamente, a preservação dos vestígios, recomendando, a todos os agentes, por meio de uma circular bem explícita, para em nada tocarem e em nada deixarem tocar". (*A investigação criminal e os métodos científicos*).

Em "A proteção de vestígios", reproduzida pela "Revista de Identificação", de Minas Gerais esclarece mais: "Agentes policiais, insuficientemente preparados, podem não só descurar dos indícios, como até mesmo destruí-los irremediavelmente. Encontra-se, algures, esta reflexão melancólica de SHERLOCK HOLMES: ("Como seria fácil o trabalho, se não se houvesse precipitado no local uma horda de búfalos!")".

Esta expressão "horda de búfalos" — continua LOCARD — pode se aplicar a simples curiosos, mas não é sem exemplo que o possa ser também aos próprios encarregados de preservar e recolher vestígios".

O levantamento das impressões, nos locais de crime ou no laboratório, pode ser feito, ainda, pelo material que sugere JOSÉ CANTINHO, técnico do Instituto "Oscar Freire", de São Paulo.

O autor citado manda transportar impressões latentes para o papel fotográfico argento-brometado, citratado, cloretado, que se banha numa solução de hiposulfito de sódio a 20 ou 30%, quente, antes de colocá-lo (colar) à impressão, que o receberá ligeiramente úmido. Só se utiliza essa solução, se a impressão tiver sido revelada com pó preto.

No caso do agente revelador ter sido a cerusa ou outro de igual tonalidade, expõe-se o dito papel à ação dos raios solares, para em seguida, umedecê-lo. A cerusa, conforme ficou esclarecido, pode ser enegrecida pelos vapores frios de sulfidrato de amônia. Assim sendo, usa-se o papel fotográfico argento, brometado, etc.

Aconselha, CANTINHO, que as impressões transportadas por tal processo, sejam fixadas em formol ou em verniz de benjoim, cuja função é conservá-las.

O papel "glassê", também aconselhado por êle, após umedecido no verniz de benjoim e colado nas impressões, onde permanecerá durante uns três minutos, será banhado na solução de sulfidrato de amônia, levando, em conta, antes disso, o reagente usado.

Outro processo ainda recomendado por êle, é a dissolução do celuloide em acetona. Esta solução, aos pingos, lança-se sobre as impressões, de maneira que forme uma película delgada, facilmente destacável.

Técnica usada para o seu aproveitamento — A técnica usada no transporte de impressões papilares depende da natureza dos locais em que elas forem encontradas, do emprêgo dos reagentes por êles requeridos, da capacidade técnica do papiloscopista, da nitidez do desenho e da determinação do seu tipo fundamental.

Confronto pericial — O confronto visa estabelecer a identidade entre duas impressões, pelo estudo dos seguintes elementos: forma ou estrutura dos pontos característicos, distância que êles guardam entre si, direção, posição e valorização dos mesmos, etc., condicionados a convicção do perito, no ato de interpretá-los, identificá-los, grifa-los e nomenclaturá-los em número suficiente a uma afirmativa básica, inequívoca e indestrutível de identidade.

No *confronto pericial* deve-se ter em mente as palavras de OLORIZ, a respeito dos pontos característicos: "São elementos que caracterizam cada dedo, distinguindo-o de qualquer outro, com a circunstância de que êsses caracteres individuais têm os seguintes atributos: "1.º Existem sempre em número de

trinta e, às vezes, mais, em cada impressão da falangeta digital; 2.º são congênitos; 3.º são inalteráveis, salvo cicatrizes, pústulas, traumatismo, etc. que uma vez curados, ainda mais o caracterizam; 4.º podem apresentar uma série de variedades..." (vide as formas dêsses "pontos" às figs. 29, 30 e 31).

22. PERÍCIAS DACTILOSCÓPICAS: NATUREZA DAS SUPERFÍCIES ONDE POSSAM SER ENCONTRADAS AS IMPRESSÕES LATENTES

No "ponto" 20 ficou esclarecido onde podem ser encontradas impressões latentes.

Convém repetir, que êsse gênero de impressões pode ser deixado em vidros, couros copos, móveis envernizados ou lixados, louças, cristais, papéis, instrumentos do crime ou de cozinha, etc., e esclarecer que há suportes que absorvem as "marcas" digitais e ainda outros em que se torna impraticável o uso de reagentes: madeira rugosa ou úmida, papel absorvente, lã, papelão, etc.

23. PERÍCIAS DACTILOSCÓPICAS: CONDIÇÕES TÉCNICAS EXIGIDAS NO ASSINALAMENTO DOS PONTOS CARACTERÍSTICOS ENCONTRADOS. VALOR IDENTIFICATIVO DAS CICATRIZES. VALOR IDENTIFICATIVO DAS LINHAS BRANCAS

Condições técnicas exigidas no assinalamento, etc. — Dependem, estas "condições", da capacidade técnica do perito; da nitidez da impressão revelada e da especificação inequívoca dos referidos "pontos", conforme ficou esclarecido em "Confronto pericial", na parte final do item 21.

Assinalamento dos pontos característicos — Não há uma regra rígida, única para tal fim. Atualmente assinalam-se as particularidades ("caracteres") dos dactilogramas pelo grifo, à tinta, conforme a técnica sugerida por BERTILON.

O processo do policial francês está sendo adotado pelos técnicos do Gabinete de Exames Periciais do Departamento Federal de Segurança Pública.

Não é permitido no assinalamento, o cruzamento dos raios indicadores.

Valor identificativo das cicatrizes — No assinalamento das particularidades dos dactilogramas, as cicatrizes definitivas podem ser apontadas como elemento identificativo. Isto se nas peças em confronto elas se apresentarem com a mesma configuração.

As cicatrizes não devem ser levadas em conta, nem tomadas como ponto de referência nas pesquisas que, nos arquivos, inicialmente, tiverem de ser feitas.

Valor identificativo das linhas brancas — Sob o ponto de vista pericial, o valor das "linhas brancas" é "subsidiário e relativo".

Não devem, essas "linhas", ser levadas em conta no "confronto pericial", mesmo que, nas peças em exame, elas se mostrem com as mesmas características (comprimento, posição, contorno, largura, etc.). Também não podem ser tomadas como ponto de referência ou de apoio nas pesquisas de dactilogramas; é correto omiti-las dos laudos de perícias dactiloscópicas.

Fig. 81 — Reconstituição, assinalamento e confronto de dactilogramas, de acôrdo com a técnica recomendada por BERTILLON. (Gentileza do Gabinete de Exames Periciais do Departamento Federal de Segurança Pública).

24. PERÍCIAS DACTILOSCÓPICAS: CONDIÇÕES BÁSICAS PARA UMA AFIRMATIVA DE IDENTIDADE. POSSIBILIDADE DE ÉRRO NO CONFRONTO DE IMPRESSÕES DEIXADAS NOS LOCAIS DE CRIME

Condições básicas para uma afirmativa de identidade — A identidade formal depende dos seguintes fatores: do número de pontos característicos suficientes, quer em impressões fragmentárias quer em impressões completas; da nitidez ou da originalidade do desenho ou parte dêle; da interpretação e assinalamento, corretos, dos citados “pontos” e, especialmente, das qualidades técnicas e honestas do perito e da eficiência do arquivo.

Número de pontos — LOCARD e BALTHAZARD sugerem 12; BERTILLON, 10 e 15; COLLINS, 16; PINA, 15 e SIMÕES CORRÊA, 10 e 15.

O primeiro, apesar da quantidade sugerida, diz que: “Uma particularidade rara é cem vezes mais sinalética de que uma série de forquilhas na zona excêntrica, e que quatro ou cinco pontos bem agrupados, numa certa figura de configuração excepcional, produzem mais facilmente a convicção de que doze ou quinze bifurcações disseminadas pela periferia do desenho.

Finalmente — continua LOCARD — “algumas linhas bem nítidas, apresentando uma boa série de poros geminados, ou anormalmente agrupados, parecem um argumento sem réplica, ainda mesmo que o número fatídico dos quinze pontos sacramentais esteja muito longe de ser atingido”.

Possibilidade de erro no confronto, etc. — Reside no assinalamento indevido na estrutura das particularidades numa e noutra impressão, na reconstituição forçada das linhas fôscas ou ausentes, na afirmativa de identidade com o mínimo fixado para tal, ou mesmo com doze ou mais pontos assinalados, havendo um discordante.

A respeito do número dêles, três casos podem-se apresentar:

1.º) Há mais de 12 pontos evidentes; a impressão é clara: certeza indiscutível para todos.

2.º) Há 8 a 12 pontos, casos limites. A certeza poderá ser a função:

- a) da nitidez da impressão;
- b) da raridade do seu tipo;
- c) da presença do centro da figura ou do delta na parte decifrável;
- d) da presença dos poros;
- e) da perfeita e evidente identidade de comprimento das cristas e sulcos, da direção das linhas e do valor angular das bifurcações. Nestes casos a certeza não se impõe senão depois da discussão do caso por um ou muitos especialistas competentes e experimentados.

3.º) Há muito poucos pontos: neste caso, a impressão já não oferece certeza, senão probabilidades em quantidade proporcional ao número de pontos e a sua nitidez”. (“Manual de Técnica Golicíaca”, trad. esp., pág. 61 — Barcelona, 1935).

No caso de impressões repetidas referentes a um mesmo dedo, somam-se os pontos das que tiverem menos com os da que apresentar mais e eliminam-se no cômputo, aqueles já assinalados na peça maior e mais nítida.

No caso de “impressões simultâneas”, somam-se os pontos isoladamente, até atingirem a cifra requerida a identidade formal.

Exemplo:

Em determinado local foram levantadas cinco impressões, tôdas de um mesmo dedo: na primeira, grifaram-se 9 pontos; na segunda, 5, sendo 4 coincidentes e um novo; na terceira, 3 sendo 2 coincidentes e 1 novo; na quarta, 4, sendo 3 coincidentes e 1 novo e na quinta, 4, sendo 3 coincidentes e 1 novo.

Tem-se, então:

1. ^a impressão	—	9 pontos
2. ^a "	—	1 ponto novo
3. ^a "	—	1 ponto novo
4. ^a "	—	1 ponto novo
5. ^a "	—	1 ponto novo

13 pontos computados, que permitem uma afirmativa de identidade, condicionada, ainda, a convicção do técnico papiloscopista.

Ou, por outra forma:

1. ^a impressão	—	9 pontos	
2. ^a "	—	5 "	
3. ^a "	—	3 "	
4. ^a "	—	4 "	
5. ^a "	—	4 "	25

Pontos coincidentes:

Na 2. ^a impressão	—	4	
Na 3. ^a "	—	2	
Na 4. ^a "	—	3	
Na 5. ^a "	—	3	12

Pontos computados 13

Coincidências de pontos em diferentes impressões — Este, o problema que mais preocupou os que correram em defesa da dactiloscopia.

Partindo do princípio da individualidade dos desenhos produzidos pelo fenômeno papiloscópico, GALTON chegou à conclusão de que seria necessário analisar-se 64 bilhões de impressões para se ter duas idênticas; GALDINO RAMOS diz que seriam necessários 4.660.377 séculos para que tal acontecesse e BALTHAZARD, depois de sérios argumentos, esclareceu:

Para se encontrar 2 coincidências é preciso examinar	16 imp.
Para se encontrar 3 coincidências é preciso examinar	64 "
Para se encontrar 4 coincidências é preciso examinar	256 "
Para se encontrar 5 coincidências é preciso examinar	1.024 "
Para se encontrar 6 coincidências é preciso examinar	4.096 "
Para se encontrar 7 coincidências é preciso examinar	16.384 "
Para se encontrar 8 coincidências é preciso examinar	65.538 "
Para se encontrar 9 coincidências é preciso examinar	262.144 "
Para se encontrar 10 coincidências é preciso examinar	1.048.576 "
Para se encontrar 11 coincidências é preciso examinar	4.133.304 "
Para se encontrar 12 coincidências é preciso examinar	16.777.216 "
Para se encontrar 13 coincidências é preciso examinar	67.108.864 "
Para se encontrar 14 coincidências é preciso examinar	248.135.456 "
Para se encontrar 15 coincidências é preciso examinar	1.073.741.824 "
Para se encontrar 16 coincidências é preciso examinar	4.294.967.296 "
Para se encontrar 17 coincidências é preciso examinar	17.179.869.184 "

BERT WENTHWORTH, a respeito da impressão que aqui se reproduz, faz o seguinte comentário "Íqual a possibilidade dêle se repetir, com todos os seus característicos e nas mesmas posições, em uma impressão deixada por outra pessoa? Ninguém o sabe e, provavelmente jamais o saberá. E' tão remota que já se disse que: ("a probabilidade da repetição, em outra pessoa, do dese-

nho de um só dedo, é idêntica à possibilidade de alguém encontrar, logo na primeira tentativa, um seixo em que outra pessoa lhe tenha dito ter pôsto a mão em ponto indeterminado dos Estados Unidos”).

Fig. 82

Mais adiante: “Balthazard tentou demonstrar que, teòricamente, a possibilidade de ocorrerem impressões idênticas, em duas pessoas diferentes, só se daria em um período mais longo do que, segundo os astrônomos, será necessário para o resfriamento do sol”. (Revista de Identificação) — Belo Horizonte, setembro de 1940.

DASTRE, citado por SIMÕES CORRÊA, diz que: “A identidade de duas impressões de indivíduos diferentes, nenhum fundamento matemático tem (“As impressões papilares no local do crime” — Rio de Janeiro, 1913).

Inimitabilidade — O papiloscopista, nos locais de crime, pode-se deparar com impressões mistificadas, isto é, deixadas por carimbo de borracha ou por dedeira.

As impressões desse gênero podem ser facilmente identificadas pela:

- a) ausência de poros;
- b) configuração monomorfa dos mesmos, quando feitos com o bico de um alfinete aquecido;

Fig. 83 — Material usado no levantamento e transporte de impressões dos locais de crime.

c) ausência de sudorese e abundância de matéria graxa;
d) estrutura das linhas e esmagamento das mesmas no local em que foram impressas.

A inobservância desses fatores e a pouca experiência, poderão conduzir o técnico à falsa afirmativa de identidade.

E' do conhecimento de todos, que os profissionais do crime, para utilizar tais instrumentos, procuram umedecê-los nas axilas, no frontal ou na face, e imprimir-los no local de ação, a fim de incriminar seus rivais.

c) *Prova prático-oral*

1. TOMADA DE IMPRESSÕES PAPILARES

(Vide parte inicial do ponto 14)

2. PESQUISA E ARQUIVAMENTO DE TRÊS INDIVIDUAIS DACTILOS-CÓPICAS NOS MAÇOS RETIRADOS DE ARQUIVO OFICIAL

Pesquisa — Consiste na busca ou verificação de individual idêntica no armário ou em outra modalidade de arquivo.

Para fazê-la, o técnico grafará, em primeiro lugar, em cada quadro da individual dactiloscópica, e sobre cada desenho, o sinal (letra de fôrma e a lápis) do tipo correspondente, segundo a nomenclatura sugerida por VUCETICH.

Os sinais, em conjunto, estruturam a "fórmula dactiloscópica", que é, conforme ficou esclarecido, "a representação sistematizada dos desenhos por símbolos alfabéticos e numéricos".

A "fórmula dactiloscópica", no dizer de SAGREDO e BRU, compreende, em si: "A fórmula genérica, ou simplesmente formada dactiloscópica, que nos indica os tipos a que pertencem os dez dactilogramas. 2.º A fórmula específica,

- 1- Disco de HENRY
c/linha de GAL-
TON.
- 2- Disco de BATTLE
- 3- Disco de HENRY e
JORGENSEN

Fig. 84 — Lupa dactiloscópica, instrumento de uso diário do dactiloscopista.

ou subfórmula, que compreende a subdivisão daqueles, isto é, que nos indica os subtipos”.

No Sistema Vucetich, a primeira representa a *classificação primária*, formada pelos símbolos dos tipos; a segunda, a *subclassificação*.

Arquivamento — No sistema de *Icnofalangometria* as individuais, classificadas de acôrdo com a simbologia *galtoniana*, eram arquivadas em “dos armários desvencijados que originariamente pertencieron a una casa de modas; los adquiri de mi peculio particular y los doté de ciento cincuenta casillas respectivamente, $10 \times 15 =$, resultando cada casilla de 11 centímetros de anchura por 8 de altura y como la profundidad de cada casillero era de 22 centímetros. las dimensiones que adopté para las fichas fueron de 9×20 , dimensiones que se utilizan también en la actualidad”. (“La Identificación Humana”, Sislán Rodrigues, La Plata, págs. 336-37).

Elevadas para 101 tipos as “40 variedades nucleares de Galton”, VUCETICH passou a usar um armário de 230 “casillas”, no qual arquivava as fichas classificadas de acôrdo com a nomenclatura criada para os novos tipos.

A respeito dêsse novo armário, disse o técnico argentino: “En cada casillero deberá contener en una lista de papel las letras que se indican en los cuadros adjuntos, es decir, cada línea es un casillero” (“Instrucciones generales para el Sistema de Filiación” — Provincia de Buenos Aires, pág. 198, 1896).

Em 1896, quando lançou o *Sistema Dactiloscópico Argentino*, dotado de quatro tipos fundamentais, tôdas as individuais da fase icnofalangométrica foram remarcadas, para serem arquivadas em dois novos armários de madeira, contendo, cada um, 180 escaninhos, distribuídos em 10 fileiras horizontais e 18 verticais.

Fig. 85 — Individual classificada de acôrdo com a nomenclatura galtoniana (1891 a 1896), vendo-se, em cada quadro, os símbolos do atual Sistema.

Num dêles (no de número 1), arquivam-se as individuais com a *fundamental A, I ou E*; no segundo, sòmente a *Série V*.

Divisão dos escaninhos.

1.º armário — 20 escaninhos para a *Série A*

20 escaninhos para a *Série I*

130 escaninhos para a *Série E*

10 escaninhos *Reservados*.

Fig. 86 — Armário n.º 1.

2.º armário — 40 escaninhos para as individuais que acusarem dedos amputados, impressões defeituosas, mão anômalas, etc.

130 escaninhos para a *Série V*

10 escaninhos *Reservados*.

Na portinhola de cada escaninho há um cartão que relaciona as fórmulas que comportar. Dentro dêles, as individuais, além da respectiva fórmula dactiloscópica, são separadas por cartões de quatro diferentes côres, na seguinte ordem:

Polegar esquerdo com *Arco* — Bainha branca

Polegar esquerdo com *Presilha int.* — Bainha azul

Polegar esquerdo com *Presilha ext.* — Bainha rosa

Polegar esquerdo com *Verticilo* — Bainha amarela.

Notem que o tipo de desenho do polegar direito tem a função de indicar o armário em que deverá ser arquivada a individual e, o do esquerdo a divisão interna nos escaninhos.

Em resumo. Será arquivada no armário n.º 2, a individual cujo polegar direito apresente um desenho do tipo *verticilo*.

Em se tratando de *Arco*, *Presilha interna* ou *Presilha externa*, nesse mesmo dedo, o armário será o número 1, estampado à figura.

Exercício.

Em que escaninho deve ser arquivada a individual de fórmula

V — 4343	
I — 4222	?

Resp. No número 306, armário n.º 2.

Porque?

Porque o desenho do polegar direito é um *verticilo* e a fórmula da individual está incluída entre as que menciona a etiqueta n.º 306.

Em que projeção deve ser colocada a mesma individual?

Resp. Na projeção azul, porque o desenho do polegar esquerdo está classificado como *presilha interna*.

E, se em vez de *presilha interna*, fôsse um *arco*?

Resp. Seria no mesmo escaninho, porque a *Série V* se torna comum a todas as Seções, conforme se vê no esquema.

Hoje, o arquivamento das individuais é feito em móveis de vários estilos, de que resulta dividi-lo em *horizontal* e *frontal* (ou *fronto-vertical*). No primeiro, elas são arquivadas deitadas, com os dactilogramas voltados para cima;

SERIE V-3341-3444 — SECCOES A-I-E-V-2222-2222 276	SERIE V-3341-3444 — SECCOES A-I-E-V-2223-2241 277	SERIE V-3341-3444 — SECCOES A-I-E-V-2242-2242 278	SERIE V-3341-3444 — SECCOES A-I-E-V-2243-2243 279	SERIE V-3341-3444 — SECCOES A-I-E-V-2243-2244 280
SERIE V-3341-3444 — SECCOES A-I-E-V-3323-3444 285	SERIE V-3341-3444 — SECCOES A-I-E-V-4111-4144 287	SERIE V-3341-3444 — SECCOES A-I-E-V-4211-4222 283	SERIE V-3341-3444 — SECCOES A-I-E-V-4223-4244 289	SERIE V-3341-3444 — SECCOES A-I-E-V-4311-4444 290
SERIE V-4311-4234 — SECCOES A-I-E-V-3111-2222 295	SERIE V-4311-4334 — SECCOES A-I-E-V-2223-2444 297	SERIE V-4311-4334 — SECCOES A-I-E-V-3111-3444 298	SERIE V-4311-4334 — SECCOES A-I-E-V-4111-4222 299	SERIE V-4311-4234 — SECCOES A-I-E-V-4223-4441 300
SERIE V-4311-4311 — SECCOES A-I-E-V-4111-4222 305	SERIE V-4311-4344 — SECCOES A-I-E-V-4223-4241 307	SERIE V-4341-4344 — SECCOES A-I-E-V-4242-4242 303	SERIE V-4341-4344 — SECCOES A-I-E-V-4243-4341 309	SERIE V-4341-4344 — SECCOES A-I-E-V-4311-4444 310
SERIE V-4411-4412 — SECCOES A-I-E-V-4111-4222 316	SERIE V-4411-4442 — SECCOES A-I-E-V-4223-4241 317	SERIE V-4411-4442 — SECCOES A-I-E-V-4242-4242 318	SERIE V-4411-4442 — SECCOES A-I-E-V-4243-4244 319	SERIE V-4411-4442 — SECCOES A-I-E-V-4311-4444 320
SERIE V-4443 — SECCOES A-I-E-V-4442-4442 326	SERIE V-4443 — SECCOES A-I-E-V-4442-4442 327	SERIE V-4443 — SECCOES A-I-E-V-4442-4442 328	SERIE V-4443 — SECCOES A-I-E-V-4442-4442 329	SERIE V-4443 — SECCOES A-I-E-V-4443-4444 331
SERIE V-4444 — SECCOES A-I-E-V-4442-4442 335	SERIE V-4444 — SECCOES A-I-E-V-4442-4442 337	SERIE V-4444 — SECCOES A-I-E-V-4442-4442 338	SERIE V-4444 — SECCOES A-I-E-V-4442-4442 339	SERIE V-4444 — SECCOES A-I-E-V-4442-4442 340
SERIE V-4444 — SECCOES A-I-E-V-4444-4444 346	SERIE V-4444 — SECCOES A-I-E-V-4444-4444 347	SERIE V-4444 — SECCOES A-I-E-V-4444-4444 348	SERIE V-4444 — SECCOES A-I-E-V-4444-4444 349	SERIE V-4444 — SECCOES A-I-E-V-4444-4444 350
RESERVADO 356	RESERVADO 357	RESERVADO 358	RESERVADO 359	RESERVADO 360

Fig. 87 — Parte do esquema do armário n.º 2.

no segundo, como se fôsem cartões onomásticos, são colocadas de pé, voltados os dactilogramas para a frente do pesquisador dactiloscópico.

Fig. 88 — Arquivamento das individuais dactiloscópicas na Mesa Dactiloscópica DAUNT.

3. REVELAÇÃO DE IMPRESSÕES LATENTES

(Ler com atenção, o que a respeito ficou dito no ponto — item — 20).

4. TRANSPORTE DE IMPRESSÕES LATENTES:

(Leia o ponto 21).

5. RECONSTITUIÇÃO E ASSINALAMENTO DOS PONTOS CARACTERÍSTICOS EM IMPRESSÕES COLHIDAS EM DETERMINADO LOCAL

Reconstituição — A reconstituição, que é uma espécie de *assinalamento indireto*, guia, condicional, que se faz na “peça-motivo” de pouca nitidez, só se efetiva com a presença da “peça-padrão”.

Há quem pense que a *reconstituição* dos pontos característicos de um desenho, ou parte dêle, consiste em completá-lo, fabricando linhas ou em unir uma “ponta-de-linha” ao corpo de outra que lhe tiver por cima ou por baixo ou, ainda, em avivar linhas pouco nítidas, de modo a torná-las legíveis.

A reconstituição, em si, consiste em assinalar ou revestir, sob hipótese ou condição, na cópia fotográfica, a *possível* forma de certos “caracteres” na zona obscura do desenho ou de seu fragmento.

No negativo, quando necessário, procura-se eliminar, com cautela, pelo retoque, o pouco de reagente infiltrado nos sulcos intercristais, para que as linhas papilares, na cópia, saiam mais claras.

Convém, quando isso se fizer, ter o cuidado de não apagar as “ilhotas” ou pequenos “pontos” encravados nos aludidos sulcos.

CARLOS ÉBOLI, perito criminal do Gabinete de Exames Periciais do Departamento Federal de Segurança Pública, diz o seguinte, a respeito da recomposição dos pontos característicos: “., os fragmentos papilares, encontrados, raramente apresentam 12 pontos característicos ou perfeitos. Aliás, os que trabalham nesse serviço de levantamento de impressões nos locais de crime, podem falar com algum conhecimento de causa, e, se têm sido obtidos confrontos com 12 ou mais pontos característicos, *um grande número deles é recomposto cuidadosamente nas ampliações fotográficas* do fragmento examinado, obedecendo o retoque naturalmente, à tendência das linhas e o espaço no qual elas se desenvolvem”. (“Impressões papilares e pontos característicos” — Arquivos do D.F.S.P., n.º 8, 1946). (O grifo é nosso).

Assinalamento -- O assinalamento definitivo, direto, é aquêle que se faz na “peça-padrão”, segundo a técnica recomendada por BERTILLON. Consiste em contornar (grifar) os pontos característicos e em indicá-los em ordem numérica, na margem da fotografia, conforme mostra a figura 81.

A contagem dos pontos se faz do centro para a periferia, no sentido dos ponteiros do relógio.

Inúmeros, os processos sugeridos para o assinalamento dêsses pontos.

O de

HERSCHEL consistia em esquematizar o dactilograma e fotografá-lo juntamente com a "impressão suspeita". A marcação dos aludidos pontos era feita por meio de um círculo junto ou no extremo de cada ponto estudado.

FAULDS consistia em tomar, em placas de vidro, para efeito de projeção, impressões em diversas côres, à distinção dos poros e dos "caracteres".

GALTON consistia em ampliar duas impressões para o assinalamento das "Minúcias" por meio de números, os quais eram escritos no interior dos círculos assinaladores, conforme mostram os dactilogramas da figura 4.

FORGEOT consistia em traçar, sôbre o desenho, uma rêde formada por quadrados de 0,005m, para localização dos pontos característicos e reprodução dos mesmos, pelo desenho, em outra rêde adrede preparada.

NICEFARO, que além do assinalamento dos citados pontos apreciava:

- 1.º) a forma geral do desenho
- 2.º) as linhas diretrizes ou sistemas de linhas papilares
- 3.º) contagem de linhas entre o delta e o núcleo
- 4.º) assinalamento dos pontos característicos
- 5.º) particularidades acidentais.

LOCARD, muito adotado até hoje, consiste em assinalar os pontos característicos por meio de raios numerados, conforme sugeriu BERTILLON. O processo do grifo foi utilizado por LOCARD, a partir de 1920.

REISS consistia em copiar, em tamanho natural, em filme, a impressão encontrada no local (*impressão testemunha* ou "peça-motivo") para compará-la com a impressão suspeita (a do arquivo ou "peça-padrão"). A comparação era feita pela superposição e projeção. A impressão filmada era ajustada sôbre a tomada no vidro.

Encêrro (Eye)	— 2 pontos	Valor	1
Forquilha	— 1 ponto	Valor	2
Forquilha em V	— 1 ponto	Valor	3
Gancho	— 2 pontos	Valor	4
Gancho em V	— 2 pontos	Valor	5
Início de linha	— 1 ponto	Valor	6
Fim de linha	— 1 ponto	Valor	7

Delta em espirais. Presilhas duplas em qualquer sentido .. — —	Valor	8
Fragmento	— 2 pontos Valor	9
Linhas sem características ou cheia	— — Valor	0

Fig. 89 — Pontos característicos de JORGENSEN.

JORGENSEN consistia na valorização dos pontos característicos principais, na seguinte ordem:

OTTOLENGHI, que sugeriu para facilitar o confronto das peças, fôsem traçados sôbre a impressão 16 raios equidistantes, formando setores. Para realçar os pontos característicos, propôs cobri-los com tinta vermelha transparente.

DAUNT (São Paulo) — Sugere o autor ampliar a impressão e cobrir os pontos característicos com tinta de anilina transparente, obedecida a orientação preliminar sugerida por NICEFORO, no tocante aos itens 1, 2, 3 e 5.

No assinalamento, segue DAUNT a regra de OTTOLENGHI, anteriormente citada.

Depois de ampliada a impressão e cobertos os pontos característicos, aconselha traçar, numa fôlha de papel transparente, para leitura dêles, uma reta A-B e outra C-D, cujo cruzamento se ajusta sôbre o ponto característico mais próximo do centro do desenho e uma das hastes no que mais distante dêle estiver ("de preferência, quando houver, um delta").

Os pontos assinalados na impressão serão, no papel transparente, indicados por meio de linhas retas.

A película em que estiverem traçados os raios indicadores é colocada sôbre a outra impressão já com os pontos identicamente localizados para demonstração e confronto.

Importante — À página 64, do número emitido em outubro de 1954, o esquema que deveria figurar em 36 foi colocado, por equívoco, no número 37 e o que neste número está figurou em 36.

Onde se lê: Fig. 36 — *Presilha*, leia-se: Fig. 36 — *Verticilo*.

Onde se lê: Fig. 37 — *Verticilo*, leia-se: Fig. 37 — *Presilha*.

Fig. 90 — Processo de assinalamento de pontos característicos proposto por OTTOLENGHI.

Fig. 91 — Processo de assinalamento e confronto de dactilogramas proposto por RICARDO GUMBLETON DAUNT (São Paulo).

7. Prova de habilitação

1. DOCUMENTOS FORNECIDOS PELO DEPARTAMENTO DE IDENTIFICAÇÃO

Documentos:

- Carteira de identidade (finalidade)
- Carteira funcional
- Carteira profissional
- Certidões de documentos
- Atestado de Bons Antecedentes (finalidade)
- Fôlha Corrida (finalidade)
- Passaporte
- Laudos, etc.

Além desses documentos, mantém as repartições identificadoras o intercâmbio de individuais dactiloscópicas e prestam, no interesse da Justiça, esclarecimentos sobre antecedentes criminais, etc.

2. TÉCNICA POLICIAL. POLÍCIA PREVENTIVA E POLÍCIA REPRESSIVA

Técnica Policial — A técnica policial reside num conjunto de conhecimentos, dos quais se valem os representantes da lei para promover a descoberta dos autores feitos delituosos, por meio dos vestígios deixados nos locais de crime.

O professor WALDIR DE ABREU, do Departamento Federal de Segurança Pública, diz que a técnica policial "é o modo de promover a prova do crime, analisando-se, sistematicamente, os vestígios deixados pelo criminoso".

REISS, citado pelo autor acima, diz que "é o conhecimento das aplicações penais e do modo de agir das diferentes espécies de criminosos".

Em suma: a técnica policial consiste em buscar, em qualquer fonte de delito, elementos que provem ou possam provar a identidade do agente do feito delituoso.

EDMOND LOCARD, em "Investigação Criminal e os Métodos Científicos", classifica os *indícios* em duas espécies: *vestígios* e *manchas*.

"Mancha" é qualquer nódoa de interesse médico-legal.

Vestígios:

Pégadas

Impressões dentárias

Resíduos encontrados nas unhas

Poeiras

Objetos deixados pelo criminoso

Sinais de arrombamento

Impressões digitais deixadas pelos contactos dos dedos suados sobre os objetos

Escritos, etc.

Manchas:

Sangue

Fezes

Urina

Escarro

Mecônio

Esperma

Impressões digitais deixadas pelos dedos sujos de qualquer matéria orgânica ou inorgânica.

As "manchas" inorgânicas:

Graxa

Lama

Óleo

Ferrugem

Cêra

Tinta, etc.

Esses *indícios* não têm valor absoluto; nada provam. Depende de outras provas e do raciocínio do policial sobre o móbil do crime.

Quando a autoridade policial tem conhecimento de um crime, a primeira providência que toma é mandar interditar o local, para que os peritos encontrem tudo conforme o criminoso deixou.

Essa providência visa conservar, intactos, todos os objetos em que se supõe haver impressões digitais e vestígios outros que possam fornecer a indicação do autor do feito delituoso. Nem mesmo a autoridade que deliberar as providências de interdição ou isolamento tem o direito de nêle penetrar, sem que os peritos recolham os vestígios e façam estudos outros.

Isolamento — Abrange a um raio de 50 metros, em se tratando de crime praticado em lugar devoluto; em habitações coletivas, interditam-se tôdas as vias de acesso.

Fotografia dos locais — Em se tratando de salas quartos etc., o fotógrafo baterá tantas chapas quantas forem necessárias ao esclarecimento do fato.

Fotografia do morto — Tiram-se duas fotografias: uma, de cima para baixo (de frente), ficando a objetiva a 1,65m do solo, sobre o cadáver; outra de perfil, com o dito dispositivo afastado a 1,50m do corpo e do solo.

Essa operação exige máquinas especiais dotadas de duas escalas: uma de *distância* e outra *redução*, conforme propuseram BERTILLON e BALTHAZARD.

Polícia preventiva — Entende-se por *Polícia preventiva* aquela que tem o dever de pela vigilância continuada, zelar pela observância de todos os dispositivos legais e regulamentares, mantendo, na íntegra, a ordem pública e social. E' também conhecida como *Polícia administrativa*.

Polícia repressiva — Aquela que promove a descoberta dos autores de infrações penais para entrega dos mesmos à Justiça, conforme se depreende dos artigos 6.º e 169 do Código de Processo Penal, baixado pelo Decreto-lei n.º 3.869, de 3 de outubro de 1941.

3. NOÇÕES SOBRE O CÓDIGO DE PROCESSO PENAL

Tratando-se de matéria de fácil aquisição, não serão reproduzidos, aqui, os artigos relacionados com a dactiloscopia.

Mesmo assim, recomenda-se a leitura dos artigos 1.º ao 23, 84 ao 124, de 158 ao 184, de 275 ao 281 e 809.

4. REGULAMENTO IMIGRATÓRIO (DECRETO N.º 3.010 DE 20 DE AGOSTO DE 1938): ENTRADA E PERMANÊNCIA DE ESTRANGEIROS NO PAÍS: PORTOS DE DESEMBARQUE E PORTOS DE FRONTEIRAS

Este Decreto deixa de ser reproduzido por ser de fácil aquisição. Vide, também, D.L. 7.967, de 18-IX-1945.

5. SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO DE IMIGRANTES E SUA ORGANIZAÇÃO

Sobre este item devem ser lidos os seguintes Decreto, Decreto-lei e Lei.

Decreto n.º 24.695, de 12 de julho de 1934 (*Diário Oficial* de 27-8-34; Decreto-lei n.º 1.023-A, de 31 de dezembro de 1938 e Lei n.º 2.163, de 5 de janeiro de 1954 (*Diário Oficial* de 7 de janeiro de 1954).

6. ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DA POLÍCIA (REGULAMENTAÇÃO)

Sobre a organização da polícia do Distrito Federal — Departamento Federal de Segurança Pública, convém consultar os seguintes dispositivos:

D.L. 6.378, de 28 de março de 1944, que transformou a Polícia Civil do Distrito Federal em Departamento Federal de Segurança Pública.

D.L. 7.281, de 30 de janeiro de 1945 que alterou a redação do art. 3.º do D.L. 6.378.

D.L. 8.168, de 9 de novembro de 1945, que alterou a redação do artigo 2.º do D.L. 7.887, de 21 de agosto de 1945.

D.L. 8.198, de 20 de novembro de 1945, que alterou a redação do artigo 2.º do Decreto n.º 7.887, de 21-8-45.

Decreto n.º 19.476, que aprovou o Regimento do Departamento Federal de Segurança Pública.

Diário Oficial de 22 de março de 1955, que publicou o novo regulamento para o Departamento Federal de Segurança Pública.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTO YVERT — *Impresiones dígito-palmares*, La Plata, 1905.

ÁLVARO P. ARAÚJO — *Os sistemas de linhas na impressão digital* — Arquivos de Polícia de São Paulo, 1928/39. *Processo para revelação de impressões digitais*, ob. cit. — *Pequena Enciclopédia Dactiloscópica*, São Paulo, 1949.

ALIATAR A. LORETO — *Lições de Dactiloscopia*, Juiz de Fora, 1930.

ANTONIO G. VALCÁRCEL — *Necrodactilografia de cadáveres petrificados*, revista "Investigación", Espanha, 1949.

ANTONIO HERRERO — *El Sistema Dactiloscópico Argentino*, Buenos Aires, 1926.

ANTONIO ALEIXO — *Dactiloscopia Patológica*, Rio de Janeiro, 1936.

ARNALDO A. FERREIRA — *A perícia técnica em criminologia e Medicina Legal*, São Paulo, 1948.

ARGEU GUIMARÃES — *Epítome da Dactiloscopia*, Rio de Janeiro, 1917.

ARHUS SAE — *A Mão e seus Segredos*, Rio de Janeiro, 1949.

ARTURO B. BADELL — *Clasificación Anatomico-Matemática del Dactilograma*, Havana, 1937.

AURÉLIO DOMINGUES — *Manual Prático de Identificação*, Pernambuco, 1929.

- BERT WENTHWORTH — *Impossibilidade de se repetir em outra pessoa determinada impressão digital* ("Revista de Ident. e Ciências Conexas"), Belo Horizonte, setembro de 1940.
- BRU e J. L. SAGREDO — *Dactiloscopia Venezolana*, "Rev. Ident. y Ciencias Penales", La Plata, 1943.
- CARLOS M. ÉBOLI — *Impressões papilares e pontos característicos*, Arquivos do D.F.S.P., Rio, 1946 "Questões de Identidade", ob. cit. 1945.
- CARLOS KEHDY — *Elementos de Dactiloscopia e A Dactiloscopia nos locais de crime*, São Paulo, 1941/46, respectivamente.
- CLÁUDIO DE MENDONÇA — *Curso de Dactiloscopia, DASP., e O arquivamento das individuais dactiloscópicas*, Rio de Janeiro, 1944/43, respectivamente.
- CLODOMIRO CABEZAS — *La Dactiloscopia al alcance de todos*, Valparaíso, 1927.
- COMMINS e MIDLO — *Finger Prints, Palms and Soles*, Philadelphia, 1943.
- EDMOND LOCARD — *Traité de Criminalistique*, Paris, 1931 — *Técnica Policiaca*, Barcelona 1935.
- EUGENE STOCKIS — *L'Identification Dactiloscopique des Cadavres*, Bruxelas, 1922.
- FELISBELO BELLETTI — *Nova Subclassificação do Método Vucetich pelo Processo Distintivo e Sinalético dos Desenhos Digitais* — "Arquivos do DFSP.", Rio de Janeiro, 1946.
- FERNANDO ORTIZ — *La Identificación Dactiloscópica*, Madrid, 1916.
- EDGARD S. CORRÊA — *As impressões papilares nos locais de crime*, Rio de Janeiro, 1913.
- GILBERTO LLANOS VALENZUELA — *Identificação Pessoal*, "Rev. Identificação e Ciências Conexas, B. Horizonte, 1941/42.
- HANS GROSS — *Polizia Giudiziaria*, Milão, 1906.
- HAKON JORGENSEN — *Sistema de Identificação à Distância* — (Trad. do inglês por Carlos Arroxelas Galvão), Rio de Janeiro, 1924.
- HERMETO LIMA — *A identidade do Homem pela Impressão Digital*, Rio de Janeiro, 1908.
- ISRAEL CASTELLANOS — *Dactiloscopia Clínica*, Havana, 1935 e *Dermopapiloscopia Clínica*, Havana, 1953.
- I. DENSER JUNIOR — *Pós agentes reveladores de impressões papilares* (Arquivos de Polícia e Identif. São Paulo, 1938-39.
- J. B. FARIA JUNIOR — *Noções de Medicina Legal e Laboratório*, Rio de Janeiro, 1928 e *Noções de Medicina Legal e Polícia Técnica*, Niterói, 1944.
- JOÃO PAULO VIEIRA — *Patologia das impressões digitais* ("Arquivos de Polícia e Identificação"), São Paulo, 1938-39.
- JOHN EDGAR HOOVER — *Problems and Practices Fingerprinting the Dead* — ("Law Enforcement Bulletin", Washington, 1949.
- JUAN VUCETICH — *Dactiloscopia Comparada*, La Plata, 1904 e *Instrucciones generales para el Sistema de Filiación* — *Provincia de Buenos Aires*, La Plata, 1896, 2.^a edição.
- J. L. DE SAGREDO — *La Policia*, Barcelona, s/data.
- J. L. DE SAGREDO e BRU — *Dactiloscopia Venezolana* — ("Rev. de Ident y Ciencias Penales"), La Plata, 1943.
- LEONÍDIO RIBEIRO — *Polícia Científica*, Rio de Janeiro, 1934.
- LUIS R. ALMANDOS — *El Quirógrafo* ("Rev. Ident. e Ciências Conexas"), Belo Horizonte, 1939. *Dactiloscopia Argentina*, La Plata, 1909 — *Las líneas blancas dactiloscópicas* — ("Rev. Ident. y Ciencias Penales"), La Plata, 1929. *El Casillero Dactiloscópico de Vucetich*, Buenos Aires, 1927.
- LUIZ DE PINA — *Dactiloscopia — Identificação e Polícia Científica*, Lisboa, 1938.
- MANUEL VIOTTI — *Dactiloscopia e Policiologia*, S.P. 1935.
- NICOLAS M. COTIGLIA — *Os arabescos digitais no Oriente*, 1947, *Dactiloscopia — Identificação por los dibujos naturales* — ("Rev. Ident. Ciencias Conexas"), junho de

- 1947 *Vucetich y las impresiones digitales*, 1947. *Dactiloscopia*, 1945 *Identificación de la Persona*, jun. 1945 — (Todos publicados na "Rev. Ident. Ciências Conexas").
- OLINTO NOGUEIRA — *Polícia e Detetive*, Rio de Janeiro, 1922.
- OSCAR BALDIJÃO — *Aplicação da Química em Dactiloscopia* — ("Arquivos de Polícia e Ident."), São Paulo, 1938-39.
- RAFAEL LUBIAN Y ARIAS — *Modus operandi en dactiloscopia*, Havana, s/data.
- RAUL P. PASSOS — *As impressões digitais são imutáveis*, junho de 1948 — *A Hereditabilidade e a Dactiloscopia*, junho de 1948 — *O nome civil não prova a identidade*, junho de 1949 (Todos publicados na "Rev. Ident. e Ciências Conexas").
- RICARDO G. DAUT — *Herchel e a Dactiloscopia*, S.P. 1934 — *Perícias Dactiloscópicas*, S.P., 1936. *Faulds e a Dactiloscopia*, S.P. 1943.
- RICHTER (DE) — *Regeneration plastique des extrémités digitales*, après 6 semaines de
- RODOLFO XAVIER DA SILVA — *Técnica dactiloscópica no cadáver*, Lisboa, 1923.
- ROBERTO THUT — *Cinquentenário da Identificação Dactiloscópica na América do Sul, Ocorrência dos desenhos papilares na impressão digital* ("Arquivos de Polícia e Ident. S.P. 1941 — *O Arquivo Monodactilar baseado na Classificação Decimal*, S.P. 1936. *inhumation*, Paris, 1912. *tificação*") S.P. 1938-39.
- RODRIGUES DORA — *Identidade e Identificação*, Bahia, 1937.
- ROBERTO ALBARRACIN — *Determinación de los tipos dactiloscópicos*. ("Rev. Ident. y Ciencias Penales"), La Plata, 1943.
- RUBEM LUBIANCA — *Diretrizes para Revisão e Desdobramento do Arquivo Deca-Dactilar do Instituto de Identificação de Pôrto Alegre*, Pôrto Alegre, 1947.
- SISLÁN RODRÍGUEZ — *La Identificación Humana*, La Plata, 1944.
- SAMUEL SEVERO DE MORAIS — *Diretrizes para Revisão e Desdobramento do Arquivo Deca-dactilar do Instituto de Identificação de Pôrto Alegre*, Pôrto Alegre, 1947.
- TOMELLINE — *Manual di Polizia Giudiziaria*, Milão, 1912.
- TOMÉ VIEIRA — *Segredos de Polícia*, Lisboa, 1937.
- URIAS G. S. FIGUEIREDO — *Normas para o Desdobramento dos Maços de Individuais Dactiloscópicas na Mesa-Arquivo "Daut"*, S.P. 1948.
- VICENTE BENINCASA — *A dactiloscopia e o nome patronímico* ("Rev. de Ident. e Ciências Conexas"), Belo Horizonte, 1940.
- V. BALTHAZARD — *Précis de Médecine Légale*, Paris, 1911.
- WIGNAN — *Taking Print of the Dead Persons*, Chicago, 1921.

AVULSOS

- "Arquivos de Polícia e Identificação", São Paulo, vários exemp.
- "Arquivos de Polícia Civil de São Paulo", vários eexmplares.
- "Arquivos do Departamento Federal de Seg. Pública", vários exemplares.
- "Revista de Identificación Progreso — Chile" — vários exemplares.
- "Revista de Identificación y Ciencias Penales", La Plata, vários exemplares.
- "Revista de Criminología e Polícia Científica" — Chile, vários exemplares.
- "Boletín de Identificación y Polícia Técnica" — Lima, vários exemplares.
- "Identificación", Espanha, vários eexmplares.
- "Finger Print and Identification Magazine", Chicago, vários exemplares.
- "FBI" — "Law Enforcement Bulletin", Washington, vários exemplares.
- "Identificación — La clasificación de reseñas dactilares en los grandes archivos", Madrid, 1943, de autoria de Martin de Andres y de Andres. E' um trabalho muito importante para os técnicos que lutam pela organização dos arquivos dactiloscópicos.